



Ensinando História através das vivências do aprendiz: uma experiência possível.

Elisabete Rodrigues Moraes*

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de aula realizada em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental com o intuito de estimular a consciência histórica no educando bem como desenvolver no mesmo a noção de pertencimento relacionado à introdução do conteúdo referente à importância da disciplina de História. Fundamenta-se no diálogo entre diferentes autores que defendem o ensino de História voltado para a valorização e estudo das realidades dos alunos a fim de ajudá-los a sentirem-se participantes da História, tornando significativa sua aprendizagem. O primeiro objetivo foi aprofundar a discussão teórica sobre a relevância de resgatar a história do aluno e de como isto pode ser realizado, buscando a relação desta com a prática realizada na sala de aula. O segundo objetivo foi fazer um diagnóstico da realidade a fim de trazer à tona o ambiente escolar no qual se desenvolveu a atividade e caracterizar a turma com a qual trabalhamos. O terceiro objetivo foi demonstrar os resultados das atividades dos alunos e a verificação da forma como ocorreu a aprendizagem através dos relatos dos próprios aprendizes.

Palavras-chave: Ensino de História. Pertencimento. Vivências. Aprendiz.

Abstract: This article aims to describe an experience class held in a class of 6th grade of elementary school in order to stimulate historical consciousness in educating and develop in the student the notion of belong related to the introduction of the content related to the importance of discipline history. It is based on dialogue between different authors who advocate the teaching of history toward the appreciation and study of the realities of students in order to help them feel participants in history, making their learning meaningful. The first objective was to deepen the theoretical discussion about the relevance of rescuing the history of the student and how this can be done, seeking its relationship with practice held in the classroom. The second objective was to make a diagnosis of reality in order to bring to the surface the school environment in which the activity is developed and characterize the class with which we work. The third objective was to demonstrate the results of student activities

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande e professora de História da rede municipal de ensino na cidade do Rio Grande.



and verification of how learning occurred through the reports of the learners themselves.

Keywords: Teaching History. belong. experiences. apprentice.

Introdução

Vivemos em um mundo em transformação. A velocidade da informação é constante o que leva a tornar-nos indivíduos inquietos, sempre buscando acompanhar as inovações. Tal característica se reflete no universo escolar. Os aprendizes de hoje estão mais impacientes, as aulas tradicionais já não correspondem às suas necessidades. Nós, os professores, disputamos espaço com as tecnologias atuais, com as redes sociais, com os programas de televisão, enfim, com outras mídias que com certeza são mais atrativas para o aluno do que passar algumas horas assistindo a uma aula expositiva. Sem dúvida, uma das maiores preocupações do professor do século XXI é como inovar suas aulas no sentido de ir ao encontro das necessidades do aluno e corresponder a essa nova realidade.

Ao professor de História cabe o mesmo desafio: tornar a sua disciplina atrativa, dinâmica e prazerosa. Mais que isso, despertar no educando o sentimento de pertencimento ao mundo em que vive compreendendo a importância de fazer e compreender a história. O ensino de História é sempre atual e precisa ser bem trabalhado em sala de aula.

De acordo que Jaime Pinski e Carla Pinski, em seu artigo “Por uma história prazerosa e consequente”

Cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se dá conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos. Para o mal, mas também para o bem, afinal de contas. Humanizar o homem é percebê-lo em sua organização social de produção, mas também no conteúdo específico dessa produção. E, para o momento específico em que vivemos, no começo do século XXI, isso é particularmente importante. (PINSKI, 2010, p.21)

De acordo com estes autores citados, podemos dizer que num mundo onde os indivíduos dão mais importância ao ter do que ao ser, a História tem um papel fundamental de resgatar a humanização do ser humano. Esse trabalho começa na sala de aula, espaço propício para a interação, socialização, respeito às diferenças, aceitação do “outro” enquanto ser com os mesmos direitos e obrigações.

Entretanto, estas questões poderão ser operacionalizadas se o professor conhecer



o universo social e cultural do aluno. Para isso, torna-se necessário trabalhar com a história pessoal do educando, relacionando o passado com o presente a fim de que a história tenha sentido para o aprendiz. Este, precisa perceber-se como ser social e suas escolhas podem fazer diferença na construção de sua própria história.

Ainda citando Pinski & Pinski,

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica” (PINSKI & PINSKI, 2010, p.28)

Em nossa experiência pedagógica observamos tal declaração na prática. Ou seja, quando o aluno compreende a importância de estudar a História, quando ele se sente parte da mesma, sentirá prazer na disciplina e perceber-se-á como ser integrado ao processo histórico.

Com base neste pressuposto, temos buscado na reconstrução da história do aluno a compreensão do mesmo sobre a importância de estudar História. Para tal, consideramos suas experiências vividas, suas relações sócio-culturais, seus ambientes geográficos, enfim, seus saberes e suas vivências.

Em seu livro “Fazer e ensinar história”, FONSECA fala sobre a importância de considerarmos tais questões para o aprendizado da História:

“A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que ele seja. O meio no qual vivemos traz as marcas do presente e de tempos passados. (FONSECA, 2009, P.116)

Assim, o cotidiano dos alunos pode apresentar ricas possibilidades de investigação histórica, propiciando ao professor uma forma prazerosa de ensinar e aprender. Para o educando, seu universo pode ser banal, mas no momento em que o professor lhe mostra possibilidades de aprendizado vinculadas ao mesmo, torna-o mais significativo para o aprendiz. Ao reconhecer seu “mundo” sob outra perspectiva, o aluno será capaz de amar, preservar e valorizar seu ambiente e suas vivências.

Esta linha de pensamento é reforçada por FONSECA, quando diz:



O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver – logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não é algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim algo a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana, em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade de forma ativa e crítica. (2009, p. 125)

Essa criatividade ao ensinar, requer constante “refazer-se” do professor. Ele precisa ser aberto para novas possibilidades de ensino ao mesmo tempo em que deve estar atento para perceber as alternativas que se apresentam relacionadas às vivências do aluno e que se constituem em laços ligados aos conteúdos que pretende ensinar. Por outro lado, ao buscar reconstruir a história de vida do aprendiz, o professor tem subsídios para investigar as concepções que o mesmo tem sobre o significado de História. Em outras palavras: a investigação sobre a própria história de vida contribui para que o educando perceba a importância da História e da História enquanto disciplina na escola. Esta metodologia propicia um olhar sobre os conhecimentos prévios dos jovens a respeito do seu saber histórico.

Segundo Isabel Barca, pesquisadora portuguesa que defende a perspectiva de estudo do ensino de História denominada “Educação Histórica”, é importante que o educador tenha um conhecimento prévio das ideias históricas de seus alunos. Segundo ela, ao referir-se aos estudos sobre a Educação Histórica, afirma:

Nesses estudos, os investigadores tem centrado sua atenção nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História, sob o pressuposto de que a intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento sistemático das ideias históricas dos alunos, por parte de quem ensina e exige também um conhecimento das ideias históricas destes últimos. A análise destas ideias implica um enquadramento teórico que respeite a natureza do saber histórico e que deve refletir-se, do mesmo modo, na aula de História. (BARCA 2005, p.15)

Podemos dizer, em concordância com esta afirmativa, que parte da eficácia da aprendizagem, implica na análise dos conhecimentos prévios dos alunos para que, a partir daí, o professor possa detectar as lacunas e distorções nestes conhecimentos e buscar complementar tais concepções. Isso implica uma interação dialógica entre educadores e educandos. Mais uma vez, a reconstrução da história do aprendiz vem ao encontro desta relação professor/aluno, no sentido de que proporciona a ambos momentos de reflexão



calçados em situações vivenciadas e conseqüentemente significativas, fator essencial no processo de ensino aprendizagem.

Com base nestes pressupostos, realizamos uma pesquisa histórica das vivências dos alunos de uma turma de 6º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ana Neri, no início do primeiro trimestre de 2013. A escola localiza-se em um bairro afastado da cidade, em região considerada como zona urbana, mas com características rurais. Contamos com 350 alunos divididos entre séries iniciais (tarde) e finais (manhã) do Ensino Fundamental. Os educandos são oriundos de diferentes classes sociais com as mais variadas características. Ou seja, temos alunos que vivem exclusivamente da pecuária e agricultura, bem como alunos de famílias que trabalham com comércio, profissionais liberais, funcionários públicos, etc. A escola, apesar de carência de espaço físico é bem servida de recursos pedagógicos e de um bom quadro de professores, sendo que 98% destes possui pós-graduação.

A turma com a qual trabalhamos é constituída por 21 alunos, todos oriundos do 5º ano, nenhum repetente do 6º ano. Com exceção de dois alunos, todos vieram da mesma escola, sendo que os dois citados são transferidos de escola particular. Os aprendizes moram no bairro desde que nasceram, exceto uma aluna que veio a dois anos do Pará.

Eu conheço a minha história

Para investigar os conhecimentos prévios dos alunos sobre suas ideias a respeito do que é História, num primeiro momento cada aprendiz foi solicitado a falar sobre o assunto. Muitos se referiram a história como algo que “já passou”, outros disseram ser o “estudo do passado”, ou “a história de coisas que aconteceram há muito tempo”. Os conceitos variaram. Após, debatemos sobre a importância de sabermos a nossa própria história. Muitos relataram que sabiam, pouco ou quase nada a respeito disso.

Num segundo momento, foi solicitado que os alunos trouxessem para a aula algo significativo para a família: um objeto antigo, documentos, fotos, etc., que fosse referente à história de sua família. Então, na próxima aula, ficamos surpresos com a riqueza de fontes recolhidas. Cada aprendiz estava ansioso para mostrar seus “achados”. Podemos citar entre os mesmos, fotos antigas, máquinas fotográficas da década de 20, registro de casamento dos avós, brinquedos antigos, passaporte de um avô que veio da Inglaterra no início do século XX, lamparinas antigas, etc. Todos estes objetos foram socializados na turma e cada um teve a oportunidade de falar sobre o que havia trazido e todos tiraram fotos com suas respectivas fontes.



Após as considerações sobre a importância destas relíquias de família que nos contam uma parte do passado de cada um, distribuimos aos alunos um pequeno álbum, confeccionado com folhas de ofício grampeadas, todo em branco. Explicamos que este seria o álbum onde cada um escreveria o resultado da pesquisa que fariam com os familiares sobre a sua história. Cada aluno escreveu o título “Eu conheço a minha história” e decorou a folha de rosto a seu gosto. Após, tomaram conhecimento dos tópicos para a pesquisa, como segue:

- Como era a minha família antes de eu nascer?
- Como meus pais se conheceram?
- Como foi meu nascimento?
- Momentos mais importantes da minha vida.
- Minhas travessuras.
- Meu brinquedo preferido.
- Meus alimentos preferidos

Note-se que nossa intenção foi levar o aluno a buscar as informações com os pais, avós, tios, irmãos, etc., recorrendo às fontes orais, proporcionando momentos de diálogo sobre o passado, recordando momentos especiais ou não e aproximando-os através das memórias de cada um. Através desta atividade o aprendiz teve oportunidade de reconhecer-se a si mesmo enquanto ser único e enquanto ser social. Ao mesmo tempo, ao resgatar sua existência, pode perceber elementos que o constituíram como indivíduo do presente, ocupando seu lugar na família, na escola, na comunidade, no bairro, no país, no mundo.

A respeito da importância de situar-se e reconhecer-se, FONSECA afirma:

Ensinar e aprender a história local e do cotidiano é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas, a meu ver, fundamental para que os sujeitos possam se situar, compreender e intervir no espaço local em que vivem como cidadãos críticos. (FONSECA, 2009, p.123)

Assim, ao induzirmos o aluno a investigar seu passado para ver-se tal como é, estamos auxiliando-os na busca de sua identidade e de sua personalidade a fim de que aprenda a se posicionar enquanto ser crítico e participante de sua realidade e da sociedade em que vive

Com a tarefa de iniciar as pesquisas do álbum, os alunos foram para casa e começaram a entrevistar pais, avós, tios, irmãos, etc. Tiveram uma semana para realizar tal atividade e trazer o álbum completo na próxima aula. No dia marcado era notório o entusiasmo de cada aprendiz para mostrar seu trabalho realizado. Os álbuns foram enfeitados,



coloridos e muitos vieram com fotos do aluno e da família. As crianças relataram que os familiares haviam colaborado na realização do trabalho. Todos pensavam que o trabalho seria lido somente pela professora, entretanto, ficaram surpresos quando foi solicitado pela mesma que os álbuns fossem trocados entre os alunos para que todos lessem, socializando o trabalho.

Muito entusiasmados e interessados os educandos foram lendo uma a uma cada história de vida dos colegas. Foi muito interessante observar as curiosidades sendo saciadas e cada um querendo ler a história do outro. Aqui podemos observar uma outra função social da História que é perceber as diferenças para aceitá-las. Segundo MACEDO:

Nem sempre o objetivo da História é buscar estabelecer semelhanças e identidades com o presente. O confronto com as diferenças e a diversidade dos modos de vida dos seres humanos ao longo de outros períodos da História, em outras civilizações ou regiões culturais, pode nos revelar nossa própria originalidade, e nos capacitar melhor a ver o lugar que ocupamos na história da humanidade. Confrontados com as diferenças e com a diversidade dos modos de vida das pessoas de outros tempos e lugares, teríamos como discernir melhor nossa própria originalidade, e perceber melhor nossa própria posição no processo histórico universal. (MACEDO,2010, p. 118-119)

Sob esta perspectiva, ao manusearem os álbuns, os alunos foram alertados para o fato de que cada um deles é um ser único no mundo e que cada pessoa é original, portanto, deve aceitar os outros como realmente são, com suas peculiaridades, com sua própria história.

Entre as histórias narradas, tivemos muitas surpresas. A maioria contou sobre experiências felizes, o que sugere serem as boas lembranças mais marcantes. Na questão sobre os “momentos mais importantes da minha vida”, destacamos alguns relatos como:

- Foram as primeiras palavrinhas e meus primeiros passinhos. (Kimberly)**
- O momento mais importante da minha vida foi quando eu andei de cavalo pela primeira vez. (Sara);**
- O momento mais importante da minha vida foi a ida a Gramado. Vou desenhar nós entrando no ônibus, com meus amigos. (Matheus);**
- Voltar para meus pais. (Cristofer);**
- A primeira vez que fui na casa de minha avó por parte de pai. (Karolayne);**
- Quando entrei para escola (Lucas);**
- Quando minha mãe me disse que eu teria um irmão. Eu fiquei feliz e triste porque teria que dividir meus brinquedos, mas eu sou feliz por ter meu irmão, ele é meu melhor**



amigo. (Samuel)

As outras respostas a esta questão variaram entre os primeiros passos, o primeiro dia na escola, viagens, primeiras palavras, etc. Acreditamos que esta reflexão levou o aluno a pensar sobre suas vivências, suas memórias, fazendo perceber-se como ser atuante em sua própria história. Esse pensamento é corroborado por Schmidt & Cainelli, em seu livro *Ensinar História*:

É necessário, também, destacar que, do ponto de vista didático-pedagógico, só é relevante a aprendizagem que seja significativa para o próprio aluno. Tal fato pressupõe o trabalho com o conhecimento histórico em sala de aula particularmente em duas direções: na primeira, o conteúdo precisa ser desenvolvido na perspectiva de sua relação com a cultura experiencial dos alunos e com suas representações já construídas; na segunda para uma aprendizagem significativa, é necessário construir, em sala de aula, um ambiente de compartilhamento de saberes. (SCHMIDT & CAINELLI, 2010, p.54)

Neste sentido, a aprendizagem foi significativa, pois além de trazer para o ambiente escolar a própria história do aluno, também proporcionou o “compartilhamento dos saberes” produzido através dos álbuns, no coletivo. Por outro lado, oportunizou ao professor conhecer melhor a realidade do aluno o que poderá contribuir nas intervenções didáticas sobre as concepções históricas de cada aprendiz.

O próximo momento desta intervenção pedagógica foi a constatação através do diálogo entre a professora e os alunos do que é o trabalho do historiador ao reconstruir o passado. Ocorreu uma comparação entre o trabalho realizado pela turma e o trabalho do historiador. Os alunos buscaram reconstruir suas histórias. Para tanto, recorreram às fontes. Quais fontes? Então a turma mencionou todos os objetos que trouxeram para a aula no primeiro momento da atividade e anotaram no caderno. Depois acrescentaram as fontes orais às quais recorreram para a segunda fase da pesquisa. Foi abordada neste momento a importância das fontes orais e das pessoas idosas como, por exemplo, os avós, detentores de memórias que se não forem registradas se perderão com o passar do tempo. A seguir, os aprendizes foram levados a considerar o resultado de sua pesquisa, ou seja, o registro da mesma em um álbum. Para muitos o primeiro registro escrito de sua própria história. Salientou-se o fato de que no futuro, se eles ou outras pessoas voltarem a pesquisar sobre o mesmo tema, certamente surgirão registros diferentes, pois a história não está pronta a cada pessoa tem sua própria visão a respeito de um fato. A seguir, a turma fez considerações sobre a importância da “socialização” do resultado da pesquisa, quando os colegas leram as suas



histórias. Chegaram à conclusão que este momento também foi importante, pois, a pesquisa teve um objetivo, uma produção final que foi compartilhada. Aqui a História assumiu uma outra função: a de confrontar outras culturas, no caso a dos alunos, sendo que cada um tem seus hábitos e costumes desenvolvidos de acordo com a tradição de cada família. Segundo Schmidt & Cainelli:

...Desenvolver no aluno a capacidade de interessar-se por outras sociedades é uma forma de sensibilizá-lo para as diferenças e evitar os inúmeros anacronismos que podem ser criados pelas ligações equivocadas entre o passado e o presente. Essa conscientização é um meio de aprender a contextualizar determinadas situações da História e evitar analogias duvidosas. Em uma perspectiva mais geral, trata-se de desenvolver a compreensão da alteridade, isto é, da empatia, do interesse e, ao mesmo tempo, de desenvolver o respeito por outros povos e outras civilizações, pois o interesse pelo outro também é uma forma de conhecer a si próprio. (SCHMIDT & CAINELLI, 2010, p.99)

Assim, mesmo não tendo estudado uma civilização diferente, nas atividades relatadas acima, os alunos tiveram contato com microcosmos distintos do seu, conheceram “células familiares” diversas das suas. Isso os levará a compreenderem as diferenças e a tornarem-se indivíduos tolerantes para com as mesmas.

Após fazerem estas considerações, passou-se à comparação propriamente dita com o trabalho do historiador. Racionalizou-se o seguinte:

- Assim como os alunos fizeram, o historiador busca reconstruir o passado.
- Para reconstruir o passado, o historiador recorre aos vestígios deixados pelos seres humanos, que são as fontes, materiais e orais. (Neste momento foram enumerados todos os tipos de fontes).
- Após reunir as fontes o historiador vai elaborar seus conhecimentos e vai produzir algo que esteja ao alcance de todos: um livro, um artigo, etc. Foi o que a turma fez ao produzir o álbum.
- O trabalho final do historiador será lido por outras pessoas, será socializado. Não teria o sentido produzir algo para ficar guardado em uma gaveta. Assim, o trabalho produzido pelos alunos foi compartilhado no grande grupo.
- O trabalho do historiador não é definitivo, não está acabado, pois é a visão dele. Outros historiadores no futuro poderão estudar o mesmo tema, encontrar outras fontes e chegar a outras conclusões, pois a História não é algo acabado e pode ser revisto. Assim, o trabalho dos aprendizes, no futuro, poderá ser reescrito de outra forma.



O último passo da atividade foi solicitar que os alunos escrevessem o que sentiram ao realizar o trabalho. O objetivo aqui foi averiguar se os aprendizes compreenderam a importância de estudar História. Elaboramos quatro questões para esta finalidade:

- a- Como foi sua experiência ao confeccionar o álbum “Eu conheço a minha história”?
- b- Você já conhecia a história de como seus pais se conheceram? E a sua?
- c- Você acha importante conhecer sua própria história?
- d- Como você se sentiu ao conhecer sua história?

A questão “a” teve respostas como: “Foi fácil, foi bom, mas um pouco difícil, foi legal mas difícil até demais!” ; “Meus sentimentos foram de emoção”; “Foi um sentimento bom, né, eu conheci a minha história”; “Foi fácil, eu já sabia a maioria das coisas”; “Foi a história de vida dos meus pais e minha também”; “Foi fácil a alegria por poder conhecer mais a minha história”; “Foi bom pra me conhecer; eu achei muito legal porque é um pouquinho do que eu vivo e eu saber isso é um passo que eu me aproximo da minha mãe”; “Foi meio difícil e meus sentimentos foram de alegria”; “Foi bem difícil porque não entendia nada”; “Foi muito fácil porque era só perguntar para os pais, os meus sentimentos foram ótimos”; “Foi legal e fácil conhecer a minha história porque eu não sabia”. Outros somente responderam “legal” e “fácil”.

Sobre a questão “b”, as respostas foram: “Não, mas eu fiquei surpreso com a história dos meus pais e do meu nascimento”; “Não, não conhecia meu nascimento, mas foi importante conhecer porque eu descobri que eu nasci com 8 meses e o meu pulmão não estava formado e eu só ficava bem no hospital quando o meu irmão Matheus ficava comigo”; “Sim, muito importante para mim, se eu não tivesse conhecido eu não “taria” aqui; “Não, eu não conhecia a história dos meus pais, só do meu nascimento”; “Não eu nunca me interessei a minha história, eu achava que era só coisa do passado, mas não é só coisa do passado, é uma coisa boa”; “Eu não conhecia a história de como meus pais se conheceram e nem a minha”; “Não, nunca perguntei agora perguntei e foi muito legal eu não sabia a história do meu nascimento”; “Não, foi uma revelação para mim”; “Sim, eles já tinham me falado mas sobre meu nascimento nunca falaram nada”; “Não, conheci agora; Sim eu já conhecia como meus pais se conheceram desde os 8 anos”; “Não porque eles não tinham me explicado, mas daí foi legal quando eles me explicaram”; “Eu não conhecia mas conheci; Quando eu nasci, minha mãe e meu pai me cuidaram com carinho e meus irmãos me cuidaram muito bem também”. As outras respostas variaram entre sim e não.

Com referência à questão “c”, os alunos responderam o seguinte: “Quando eu nasci



a minha mãe se sentiu amada porque todos me esperavam para nascer”; “Sim, porque é bom conhecer a história para saber”; “Eu acho que sim porque é interessante”; “Sim porque quando eu crescer alguém vai me perguntar”; “Eu acho que todos tem que saber sobre a sua própria história”; “Sim, muito porque faz parte de mim”; “Sim, pois no futuro poderei contar minha história para meus filhos”; “Sim, porque exemplo escola”; “Sim porque a gente conhece mais o futuro”; “Sim, porque se alguém mais perguntar, a gente sabe”; “Sim e depois disso em breve eu posso contar a história toda para meus filhos”; “Sim porque no futuro os meus filhos podem perguntar algo e daí eu vou saber responder”; “Sim, porque quando conhece a gente se sente mais importante”; “Sim porque a gente descobriu que fizemos muitos desafios como cair de pernas abertas em cima de uma cerca”; “Sim, acho importante porque todos deveriam saber”; “Sim, eu acho importante”.

Na última questão “Como você se sentiu em conhecer sua história?”, os alunos responderam: “Eu me sinto mais amado porque eu sei minha história”; “Não me senti mais amado, não tive nenhum sentimento”; “Não senti nada de mais porque era só perguntar para meus pais”; “Bem porque meus pais ficaram felizes de eu saber a minha história e a deles”; “Eu me sinto mais amado porque eu sei a minha história”; “Muito importante para mim porque antes eu achava que ninguém gostava de mim, eu achava que eu era nada”; “Sim porque naquele momento meus pais deram mais atenção para mim do que já deram antes”; “Depois disso que eu escrevi, eu posso contar a história toda para meus filhos”; “Bem porque nunca me contaram nada, agora me falaram tudo”; “Não me senti mais amado”; “Não me senti mais amada, eu já sou muito amada”; “Me senti mais amada, pois sou a primeira filha e neta”; “Continuei o mesmo, não mudou nada, mas eu fiquei feliz e minha família também”; “Eu fiquei mais feliz em saber a minha história porque assim eu acabo sabendo o que eu fiz e que aconteceu, é sempre bom saber o que aconteceu.”; “Foi importante”; “Feliz, mas não tanto”; “Foi legal conhecer”; “Foi bom conhecer a minha história com os meus pais”.

Considerações finais:

Podemos tirar algumas conclusões do trabalho realizado: ao trabalharmos com a história de vida do aluno para iniciarmos o conteúdo sobre a importância de estudar História, estamos abrindo um leque de possibilidades didáticas que levem o aluno a realmente sentir-se parte da História e a reconhecer-se como indivíduo, com suas peculiaridades, suas vivências e



sua contribuição na sociedade em que vive. O aprendiz passa a compreender que suas decisões podem ou não influenciar suas relações com a família, com amigos, com os colegas. Tal influência irá se refletir em algum momento no futuro. Esta é sua responsabilidade social, enquanto cidadão do seu mundo.

Por outro lado, foi possível perceber também o despertar das relações afetivas entre os alunos e suas fontes orais (familiares) que contribuíram na pesquisa. Ao recordarem os momentos do passado, a família pode compartilhar emoções e sentimentos há muito tempo guardado ou até então não revelados. Essa também é uma das funções do ensino de História, o de resgatar valores esquecidos pela sociedade atual. Além disso, num mundo em que a família se reúne apenas nos momentos em que assistem à televisão e onde o diálogo é quase inexistente, recordar a história de suas vidas pode representar o fortalecimento dos laços familiares. Isso pode ser constatado através dos depoimentos das crianças e de forma mais específica na resposta de uma aluna sobre como havia se sentido ao conhecer sua história, ela escreveu: “Sim porque naquele momento meus pais deram mais atenção para mim do que já deram antes”. Isso demonstra o grau de carência de atenção, que foi valorizado pela aluna no momento da atividade.

Podemos salientar ainda que a didática aplicada corresponde a mais uma função que o ensino de História pode contemplar, que é o da valorização do aluno. Ao responderem que se sentiram “felizes”, “importantes”, “amados”, os alunos demonstraram que a atividade veio ao encontro das necessidades de aceitação, reconhecimento por parte dos familiares. Por outro lado, ao terem contato com as histórias dos colegas, lhes foi oportunizado que confrontassem seus mundos, e a partir daí, fossem capazes de observar e aceitar as diferenças, o que também faz parte da educação histórica que deve ser estimulada em sala de aula.

Referências Bibliográficas:

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e conceitos básicos. IN: KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37 a 48

BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e Ensino de História no Brasil. IN: KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 185 a 204.

FONSECA, Selva Guimarães. Fazer e ensinar história. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

FERNANDES, Lindamir Zeglin.& SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A reconstrução das aulas de história na perspectiva da Educação Histórica**: Da aula oficina à unidade temática



investigativa.

MACEDO, José Rivair. História Medieval: Repensando a Idade Média no Ensino de História. IN: KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109 A 123

PINSKI, Jaime & PINSKI, Carla Bassanezi. Por uma história prazerosa e consequente. IN: KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17 a 36.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.

Recebido em Julho de 2013

Aprovado em Agosto de 2013